



O Paradigma do Teste de Associação Implícita

Félix Neto¹

Copyright © 2015.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 3.0 (CC BY-NC-ND).

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>



Open Access

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Portugal.
E-mail: fneto@fpce.up.pt

Resumo

Especialistas em ciências sociais despenderam muita energia em desenvolver técnicas para avaliar atitudes grupais que permitissem contornar problemas resultando de acesso introspectivo limitado, de efeitos do experimentador e da deseabilidade social. Recentemente, os investigadores recorreram a várias abordagens da cognição social para avaliar o preconceito que minimizam os problemas envolvidos com as avaliações explícitas das atitudes. Entre as medidas atualmente disponíveis para estudar formas implícitas ou inconscientes de pensamentos e de sentimentos é de referir o Teste de Associação Implícita (TAI). Os internautas lusófonos podem aceder ao sítio em língua portuguesa clicando para: <https://implicit.harvard.edu/implicit/portugal/>. Em geral, a experiência de ter respondido a um TAI leva o visitante a tomar consciência de que possui certas associações difíceis de controlar. Este artigo apresenta de modo sumário os princípios em que se baseia o TAI, os objetivos deste sítio da Internet e as contribuições que este sítio pode dar. As preferências sociais não são posse exclusiva de algumas pessoas privilegiadas, mas são uma característica geral da cognição social humana.

Palavras-Chave

Atitudes implícitas, preconceito, Teste de Associação Implícita.

Introdução

As pessoas gostam de algumas coisas e não gostam de outras. Podemos gostar do vinho do Porto e reagir negativamente em relação ao recurso à pena de morte. Um psicólogo social diria que possuímos uma atitude positiva em relação ao vinho do Porto e uma atitude negativa em relação à pena de morte. Compreender as diferenças nas atitudes das pessoas e descobrir as razões pelas quais as pessoas gostam e não gostam de diferentes coisas interessou os psicólogos sociais desde o início deste campo de estudo.

As atitudes indicam-nos o modo como pensamos e sentimos em relação a pessoas, objetos e questões do meio circundante. Para além disso, podem permitir prever como agiremos em contacto com os alvos das nossas crenças. A um nível mais geral, o conceito de atitude está relacionado com graves questões sociais como são os problemas de preconceito e de discriminação (Neto, 1998).

Dovidio (2001) descreve os pressupostos e paradigmas que caracterizam três vagas de investigação sobre o preconceito. A primeira vaga que vai aproximadamente de 1920 a 1950, perspectiva o preconceito como sendo psicopatológico e perigoso para a humanidade. Tal pode ser testemunhado mediante comportamentos como, por exemplo, os dos regimes fascistas. Esta primeira vaga utilizou a personalidade e escalas de atitude para identificar indivíduos “errantes” na sociedade, colocando a extensão do “problema” ao nível individual e da sociedade.

A segunda vaga que vai aproximadamente de 1950 a meados dos anos 90, começou a estudar o preconceito como um processo cognitivo normal que acarreta vários resultados benignos e malignos, tais como coesão social e discriminação injusta, prospectivamente. No meio da segunda vaga, Allport (1958) e Tajfel (1970), entre outros, defenderam que preconceito e discriminação eram o resultado de propriedades fundamentais da cognição humana e, para além disso, adaptativas em certos contextos.

A atual vaga começou em meados da década de 90 do século passado, continua até ao presente, e está marcada por avanços na tecnologia, pois os investigadores procuram testar hipóteses sobre preconceitos inconscientes. Enquanto no passado, os preconceitos eram medidos através de inquéritos, entrevistas, ou inferências decorrentes da observação, ou seja através de medidas de cariz explícito, atualmente podem ser também medidos de modo implícito (Dovidio & Fazio, 1992).

Neste artigo será introduzido muito sumariamente o modo como as atitudes e os estereótipos podem ser avaliados através de medidas indiretas, referindo-se em particular o Teste de Associação Implícita (TAI) e serão apresentados alguns resultados de estudos recentes.

Medidas Explícitas e Implícitas

Os preconceitos, tal como a maior parte dos constructos psicológicos, não são diretamente observáveis; só podem ser inferidos mediante as respostas das pessoas. Em resultado disso, os psicólogos sociais necessitam de desenvolver várias metodologias para avaliarem os preconceitos das pessoas. Podemos efetuar a distinção entre medidas explícitas (isto é, diretas) e implícitas (isto é, indiretas). A distinção entre processos explícitos e implícitos tem uma longa história no seio da psicologia (Fazio & Olson, 2003). Os psicólogos em geral pensam que os processos explícitos são os que requerem atenção consciente. Pelo contrário, os processos implícitos são os que não requerem atenção consciente (Nosek, Hawkins, & Frazier, 2011). No âmbito da medida da atitude, estes termos são usados para distinguir entre medidas de atitude em que a pessoa que responde está consciente ou não de que uma atitude está a ser avaliada. De um modo simples pode-se dizer que medidas de atitudes explícitas perguntam diretamente às pessoas para indicarem a sua atitude, ao passo que medidas implícitas de atitude avaliam as atitudes sem necessitar de pedir diretamente à pessoa uma resposta verbal (Fazio & Olson, 2003).

O rótulo “implícito” aplica-se a uma diversidade de procedimentos e de processos que partilham um denominador comum: não são autoavaliações diretas, deliberadas, controladas e intencionais. Uma medida implícita avalia o conteúdo mental sem ser exigido conhecimento da relação entre a resposta e o conteúdo medido (Nosek, Hawkins, & Frazier, 2011).

No decurso das duas últimas décadas os trabalhos sobre os estereótipos e os preconceitos foram marcados por uma mudança relevante de perspectiva. Efetivamente, os psicólogos sociais prestam cada vez mais atenção às manifestações implícitas das crenças e atitudes que têm as pessoas sobre certos grupos sociais (Nosek, Greenwald, & Banaji, 2007).

Greenwald e Banaji (1995) introduziram o termo “cognição social implícita” para descrever os pensamentos e sentimentos que ocorrem fora do conhecimento consciente ou do controlo consciente em relação a constructos psicossociais: atitudes, estereótipos e autoconceitos. Estes autores apelaram para um aumento da utilização de medidas implícitas, pois eles consideravam-nas como sendo essenciais para a investigação da cognição social implícita. Na esteira deste apelo surgiu uma ampla gama de medidas implícitas.

Existe uma variedade de métodos de medida da cognição social implícita. Medidas de “priming” têm-se revestido de utilidade enquanto modo de avaliar o que é activado na memória quando se apresenta algum objecto de atitude (e.g., Fazio et al., 1995). Todavia, entre os métodos de medida de cognição social implícita, o Teste de Associação Implícita (TAI) ocupa um lugar de destaque (*Implicit Association Test*; Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998; Neto, Sriram, Nosek, Greenwald, & Banaji, 2007). Nosek et al. (2011) efetuaram uma análise de citações de 20 artigos que introduziram um procedimento de

medida implícita para avaliar o uso e o impacto de cada medida. O TAI ocupa um lugar preponderante nessa lista, pois congrega mais de 40% do total das citações e cerca de 50% das citações no ano mais recente (2010).

O Sítio TAI em Língua Portuguesa

O sítio do TAI em língua portuguesa está disponível desde Setembro de 2006 (Neto, Sriram, Nosek, Greenwald, & Banaji, 2007). As características psicométricas do TAI têm sido examinadas em diversas investigações (e.g., Cunningham, Preacher, & Banaji, 2001; Nosek, Greenwald, & Banaji, 2005; Greenwald *et al.*, 2009)

Os internautas lusófonos podem aceder ao sítio em língua portuguesa clicando na bandeira portuguesa que se encontra na página de acolhimento:

<https://implicit.harvard.edu>

Podem também aceder ao sítio ligando directamente para:

<https://implicit.harvard.edu/implicit/portugal/>

Em primeiro lugar, toma-se conhecimento de informações preliminares sobre o TAI e indica-se se deseja efectuar algum dos testes. Atualmente estão disponíveis sete testes no sítio em língua portuguesa: idade, sexualidade, género, “raça”, cor da pele, peso e países. Há também versões disponíveis para outros países destes sete testes. O TAI sobre a *idade* permite apreender as atitudes implícitas em relação às pessoas idosas versus pessoas jovens. Revela muitas vezes que as pessoas têm uma preferência automática pelas pessoas jovens em relação às pessoas idosas. O TAI sobre *sexualidade* revela muitas vezes uma preferência automática por pessoas heterossexuais em relação a pessoas homossexuais. O TAI sobre o *género* examina em que medida os domínios científicos e literários estão implicitamente ligados às categorias sexuais. Este TAI põe em evidência que o domínio científico está a maior parte das vezes ligado ao género masculino, ao passo que o domínio das letras está associado ao género feminino. O TAI sobre a “*raça*” revela que a maior parte das pessoas têm uma preferência automática pelos brancos em relação aos negros. O TAI sobre a *cor da pele* revela muitas vezes uma preferência automática pela pele clara em relação à pele escura. O TAI sobre o *peso* permite apreender as atitudes implícitas em relação a pessoas gordas e magras. Revela muitas vezes uma preferência automática por pessoas magras em relação a pessoas gordas. Finalmente, o TAI sobre os *países* apreende as atitudes implícitas em relação a Portugal versus Estados Unidos. Este teste propicia um método novo para se estudar o nacionalismo.

O TAI permite medir a direcção e a intensidade de associações entre conceitos. A tarefa consiste em classificar, tão depressa quanto possível, *estímulos* que aparecem um a um no meio do ecrã e que representam quatro conceitos utilizando somente duas opções de

resposta. Pressupõe-se que esta dupla tarefa de categorização deveria ser tanto mais fácil (tempos de resposta curtos) quanto os conceitos emparelhados estão fortemente associados. O Quadro 1 apresenta de modo simplificado as diferentes etapas do TAI que mede as atitudes implícitas em relação a Portugal e aos Estados Unidos. Os conceitos “Portugal” e “Estados Unidos” estão representados por ícones nacionais (bandeira, capital, etc.). A dimensão avaliativa é representada por termos, tais como prazer, amor, paraíso contrastados com termos, tais como veneno, abuso, dor.

Quadro 1. Etapas de um Teste de Associação Implícita (TAI) para medir as atitudes em relação a Portugal e aos Estados Unidos

Bloco	<i>Estímulos</i> atribuídos à tecla ‘E’ (esquerda do teclado)	<i>Estímulos</i> atribuídos à tecla ‘I’ (direita do teclado)	Número de ensaios
1	Portugal	Estados Unidos	20
2	Bom	Mau	20
3	Portugal + Bom	Estados Unidos + Mau	20 Prát. + 40 Teste
4	Estados Unidos	Portugal	40
5	Estados Unidos + Bom	Portugal + Mau	20 Prát. + 40 Teste

Num primeiro tempo (1) os participantes categorizam o mais rapidamente possível os símbolos portugueses e americanos. Para tal, apoiam numa tecla que se encontra à esquerda ou à direita do teclado. Num segundo momento (2) os participantes efetuam uma tarefa semelhante para os conceitos “Bom” e “Mau”. Os dois pares de conceitos são seguidamente combinados (3) de modo que as pessoas devem fornecer a mesma resposta para os estímulos portugueses e as palavras boas (esquerda) e para os estímulos americanos e as palavras más (direita). Os estímulos aparecem numa ordem aleatória, mas alternando os pares de conceitos. Uma vez terminada esta tarefa a posição dos conceitos “Portugal” e “Estados Unidos” é invertida. As pessoas efetuam uma tarefa de categorização simples para se familiarizarem com esta mudança (4). Seguidamente efetuam o segundo bloco de categorizações combinadas (5): o conceito “Estados Unidos” partilha agora a mesma resposta que o conceito “Bom” e o conceito “Portugal” são emparelhados com o conceito “Mau”.

A ordem das tarefas [1 & 3] e [4 & 5] é contrabalançada. Uma comparação dos tempos de latência das respostas aos blocos [3 & 5] permite inferir a direção e a intensidade das associações (Greenwald, Nosek, & Banaji, 2003). Uma preferência implícita por Portugal traduzir-se-ia por respostas mais rápidas quando as imagens de Portugal e as palavras boas são classificadas com a mesma tecla e contrastadas com as imagens dos Estados Unidos e das palavras más.

Responder a um TAI demora cerca de cinco minutos. Antes (ou após) de responderem ao TAI os participantes que desejem podem responder a um breve

questionário que avalia as suas atitudes ou crenças explícitas, bem como a questões demográficas. Os visitantes logo após terem respondido tomam conhecimento através de um parágrafo do seu modo de resposta. Em geral, a experiência de ter respondido a um TAI leva o visitante a tomar consciência de que possui certas associações difíceis de controlar.

Alguns Resultados

O TAI é um paradigma flexível. O exemplo que demos mais acima mede associações com países. Pode no entanto ser adaptado para medir associações sobre qualquer tipo de conceitos. Os conceitos avaliativos no TAI podem ser mudados para medir estereótipos e autoconceitos. Esta flexibilidade fez com que o TAI se tornasse um paradigma popular tendo uma ampla variedade de aplicações. O TAI tem-se aplicado a uma vasta gama de domínios incluindo a psicologia social e cognitiva (Greenwald & Nosek, 2001; Fazio & Olson, 2003), a psicologia clínica (de Jong, Pasma, Kindt, & van den Hout, 2001; Teachman, Gregg, & Woody, 2001), a psicologia do desenvolvimento (Baron & Banaji, 2006), as neurociências (Richeson et al., 2003), investigação do mercado (Maison, Greenwald, & Bruin, 2001; Perkins & Forehand, 2010), psicologia da saúde (Nock & Banaji, 2007; Teachman, Gapinski, Brownell, Rawlins, & Jeyaram, 2003) e psicologia política (Arcuri et al., 2008).

Foram publicados dados dos Estados Unidos que abarcam cerca de 2,5 milhões de respostas ao TAI e as autoavaliações entre 2000 e 2006 (Nosek, Smyth, Hansen et al., 2007). Nas diferentes tarefas (respostas a 17 tópicos diferentes) o tamanho do efeito TAI mais forte que se observou foi a dificuldade em emparelhar *peçoas idosas com bom* e *peçoas jovens com mau*, em comparação com emparelhar *peçoas idosas com mau* e *peçoas jovens com bom*. 80% dos participantes mostraram este efeito e somente 6% mostraram o inverso. Os participantes também referiram uma forte preferência explícita por pessoas jovens, muito embora estas avaliações só estivessem fracamente relacionadas com o efeito TAI ($r = .13$). Os enviesamentos implícitos em relação à idade são notáveis pela sua persistência ao longo do ciclo vital. Pessoas com mais de 60 anos mostraram um efeito pró-jovem de magnitude semelhante ao de pessoas com uma vintena de anos apesar de se terem evidenciado grandes mudanças nas preferências etárias explícitas. A preferência endogrupal, componente nuclear da teoria da identidade social, não é evidente na atitude implícita em relação à idade pró-jovem por parte de pessoas idosas, contrariamente às suas avaliações explícitas e aos padrões de preferências endgrupais implícitas de todos os outros grupos que se investigaram. Os factores que contribuem para este persistente efeito ainda não são compreendidos.

Cerca de 68% dos participantes mostraram uma preferência pró-Branco e só 14% evidenciaram o padrão inverso. As avaliações implícitas e explícitas estavam moderadamente relacionadas ($r = .27$). Os participantes negros foram os únicos grupos raciais que não evidenciaram uma preferência implícita pró-Branco. Os participantes Brancos

mostraram uma forte preferência implícita pró-Branco, mas essa preferência também sobressaiu mesmo nos Americanos Índios, nos Asiáticos e nos Hispânicos o que torna claro que esse resultado vai para além de um efeito de preferência endogrupal.

Os participantes mostraram uma preferência implícita e explícita por heterossexuais. 68% mostraram este efeito implícito e 15% mostraram o efeito implícito pró-homossexual. Talvez reflectindo ainda a aceitação social em certas camadas da população de se expressarem opiniões negativas acerca da orientação sexual, a correspondência implícito-explícito foi a mais forte que se observou nas atitudes em relação a grupos sociais ($r=.43$).

Expressar atitudes negativas em relação às pessoas gordas não é sancionado socialmente com a mesma força como se verifica em relação a outros grupos sociais. As pessoas magras eram fortemente preferidas em relação às pessoas gordas quer implícita quer explicitamente. 70% da amostra preferiam implicitamente pessoas magras e 12% preferiam implicitamente pessoas gordas.

Estereótipos salientes quanto ao género caracterizam alguns domínios académicos, em especial matemática e ciências. No que diz respeito ao TAI género-ciências/humanidades, os participantes mostraram associações mais fortes das ciências com os homens e das humanidades com as mulheres que o emparelhamento inverso, 72% da amostra. Note-se que este efeito foi observado para os homens e as mulheres, ambos implícita e explicitamente. Os estereótipos sociais não constituem só o sistema de crenças de um grupo dominante que impõe as suas perspectivas aos outros. Muitos estereótipos são partilhados e reforçados socialmente, mesmo até pelos alvos de tais estereótipos.

As atitudes em relação às pessoas com deficiências foram alvo de pouca atenção em Psicologia em comparação com o interesse dominante pelas atitudes em relação à raça e ao género. Os poucos estudos relevantes disponíveis refletem uma negatividade geral em relação às pessoas com deficiências. A preferência por pessoas sem deficiências em comparação com pessoas com deficiências estava entre os efeitos implícitos e explícitos mais fortes dos grupos sociais. 76% da amostra mostrou uma preferência implícita pró-sadio, ao passo que 9% mostraram uma preferência pró-deficiência. A relativa negatividade em relação às pessoas deficientes era evidente em todos os géneros, etnias, grupos etários e orientações políticas.

Em suma, este estudo de Nosek, Smyth, Hansen et al. (2007), por meio do recurso a uma quantidade impressionante de dados, apontou que com poucas exceções, nos diferentes domínios e categorias demográficas, os participantes evidenciaram preferências e estereótipos sociais implícitos e explícitos. Homens e mulheres, jovens e idosos, pessoas da direita e da esquerda, Negros, Brancos, Asiáticos e Hispânicos – todos os grupos têm preferências por alguns grupos em relação a outros. As preferências sociais não são posse

exclusiva de algumas pessoas privilegiadas, mas são uma característica geral da cognição social humana.

Em Portugal, foi recentemente efetuado um estudo com dois objetivos: (1) avaliar as atitudes implícitas em relação a cinco tópicos: idade, países, “raça”, género e peso cujo conteúdo já foi descrito mais acima (cf. p.49); (2) examinar as relações entre atitudes implícitas e explícitas (Neto, 2009).

A amostra deste estudo foi constituída por 143 estudantes de Psicologia da Universidade do Porto que, para além das respostas aos cinco TAI, responderam às seguintes medidas explícitas previamente adaptadas para a população portuguesa: Escala de Idadismo (Neto, 2004), Escala de Ideologia Multicultural (Neto, 2007), Escala de Tolerância Étnica (Oliveira & Neto, 2007), Escala de Ideologia do Papel de Género (Neto, 2008) e um item para avaliar a identidade nacional mediante uma resposta fechada.

No que diz respeito às *atitudes em relação à idade*, mais de dois terços dos participantes (71%) relataram maior dificuldade de emparelhamento *idosos com bom* e *jovens com mau* em comparação do emparelhamento de *idosos com mau* e *jovens com o bom*, apenas 9% apresentaram o inverso. Relativamente às *atitudes em relação aos países*, três quartos dos participantes (75%) relataram maior dificuldade de emparelhamento E.U.A. com *bom* e Portugal com *mau* comparados com emparelhar E.U.A. com *mau* e Portugal com *o bom*, e apenas 4% apresentaram o inverso. No que diz respeito às *atitudes em relação à raça*, dois terços dos participantes (67%) relataram maior dificuldade de emparelhar *os negros com bom* e *brancos com mau* comparando com o emparelhamento de *negros com mau* e *brancos com bom*, e apenas 7% apresentaram o inverso. Relativamente aos estereótipos do *género - ciências/humanidades*, também dois terços dos participantes (67%) associaram mais a *ciência* com o *sexo masculino* e apenas 19% mostraram o contrário. Finalmente no que diz respeito às *atitudes em relação ao peso*, sessenta e dois por cento da amostra implicitamente preferiu pessoas magras e 12% implicitamente disseram preferir pessoas gordas.

Os resultados evidenciaram, em média, uma preferência implícita pelos jovens em relação às pessoas com mais idade, por Portugal em relação aos Estados Unidos da América, pelas pessoas brancas em relação às negras, pelas pessoas magras em relação às gordas e as associações estereotipadas que ligam os homens com as ciências e as mulheres com as humanidades.

No que se refere às correlações entre os TAI e as respectivas medidas explícitas, as respostas ao TAI da idade não estavam significativamente associadas ao idadismo ($r = .03$, $p > .05$). As respostas para o TAI dos países estavam significativamente associadas à identidade Portuguesa ($r = .21$, $p < .05$). As respostas ao TAI “raça” mostraram-se significativamente e negativamente associadas com a ideologia multicultural ($r = .24$, $p < .05$) e a tolerância ($r = -.21$, $p < .01$). As respostas aos estereótipos do teste TAI género - ciências/humanidades não

estavam significativamente correlacionadas com a ideologia do papel de género ($r = .09, p > .05$).

As discussões sobre a relação entre as atitudes implícitas e explícitas da cognição social têm enfatizado a dissociação entre as duas (Fazio, Jackson, Dunton, & Williams, 1995; Greenwald & Banaji, 1995). Os resultados atuais mostram que as atitudes implícitas e explícitas estavam fracamente relacionadas, conforme o esperado. O teste TAI da idade não mostrou uma associação significativa com a discriminação por idade, e o teste TAI género - ciências/humanidades estereótipos não estavam significativamente associados com a ideologia do papel de género. No entanto, as pontuações do teste TAI dos países estavam significativamente associados com a identidade Portuguesa, e as pontuações do teste TAI “raça” mostraram uma associação significativa com a ideologia multicultural e com a tolerância étnica. Assim, estes resultados contradizem parcialmente a ideia de uma completa dissociação entre as atitudes implícitas e explícitas.

Os resultados deste estudo mostram que as atitudes sobre os grupos existem na forma inconsciente, isto é, relativamente fora da capacidade de exercer um controle consciente. Estes resultados refletem a tendência para negar conscientemente sentimentos e pensamentos, quer por causa de pressões sociais ou padrões pessoais.

É possível comparar estes resultados com os de Nosek, Smyth, Hansen et al. (2007) para quatro testes TAI: idade, “raça”, estereótipos de género - ciências/humanidades e peso. Se compararmos os resultados obtidos neste estudo, uma amostra muito pequena ($n = 143$) com os da amostra gigantesca de Nosek, Smyth, Hansen et al. (2007) (mais de 2,5 milhões de inquiridos), a magnitude dos efeitos dos testes TAI indicia uma semelhança impressionante (idade, ou seja: 71% vs. 80%; raça: 67% vs. 68%; estereótipos de género - ciências/humanidades vs. 67% . 72%, e peso de 62% vs. 70%).

O TAI tem-se revelado preditor de toda uma variedade de comportamentos. Em diversos casos, prediz mesmo variação no comportamento que não é dada conta por medidas explícitas. Por exemplo, nações com associações implícitas em média mais fortes das ciências com os homens do que com as mulheres apresentam um fosso maior na realização favorecendo os homens em ciências e matemática (Nosek et al., 2009).

Uma meta-análise com recurso a 122 investigações, incluindo 184 amostras independentes e 14 900 participantes, nos domínios das preferências de consumo, comportamento inter-racial branco-negro, diferenças de personalidade, fenómenos clínicos, álcool e uso de droga, comportamento intergrupar não racial, género e orientação sexual, relações íntimas e preferências políticas, evidenciou validade preditiva do TAI em todos os domínios avaliados (Greenwald et al., 2009). Por exemplo, estudos sobre emprego inter-racial (Ziegert & Hanges, 2005), comportamento social inter-racial (McConnell & Leibold, 2001) e saúde mental (Nock & Banaji, 2007) mostram a validade preditiva do TAI. Para além disso, o TAI revelou validade preditiva que era independente das medidas

explícitas correspondentes. Enfim, medidas explícitas eram mais preditivas para alguns comportamentos (e.g., comportamento de consumo, preferências políticas) e as medidas implícitas eram mais preditivas para outros domínios (e.g., comportamento inter-racial e intergrupar). Estes dados apontam que nem as medidas implícitas nem as medidas explícitas se revestem de vantagens de serem uma medida mais imbuída de verdade dos nossos pensamentos e sentimentos. Ambas as constelações de medidas constituem avaliações válidas de aspectos únicos da cognição humana.

Concluiremos esta apresentação de alguns dos resultados obtidos mediante o paradigma do TAI, evocando de modo sintético alguns factos:

1 – O TAI tem sido utilizado em investigação à volta do mundo e revela a universalidade dos fenómenos de atitudes e de estereótipos implícitos (Nosek et al., 2009). No sítio <https://implicit.harvard.edu> podem-se verificar as numerosas línguas em que o TAI está disponível.

2 – Enviesamentos implícitos evidenciados pelo TAI não são observados muitas vezes quando se recorre a medidas explícitas paralelas (Hofman et al., 2005).

3 – Tendo em conta os frequentes desvios entre medidas do TAI e medidas explícitas paralelas, os resultados do TAI surpreendem por vezes a pessoa, pois revelam informação que não estava disponível de modo consciente (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998).

4 – O enviesamento implícito observa-se mesmo em crianças com quatro anos (Dunham, Baron, & Banaji, 2006).

5 – Os enviesamentos implícitos têm-se observado que variam em função do grupo de pertença da pessoa e das experiências de vida (Nosek, Smyth, Hansen et al., 2007).

6 – As medidas do TAI têm predito o comportamento, tal como amizade e outras decisões preferenciais sobre os membros de diferentes grupos. As pessoas que mostram enviesamentos mais fortes medidos pelo TAI contra um grupo social alvo, são também mais susceptíveis de discriminar o grupo alvo e os seus membros (Nosek, Greenwald, & Banaji, 2007; Arcuri et al., 2008; Greenwald et al., 2009).

7 – As medidas do TAI podem ser influenciadas pelas situações de administração, mas apesar disso revelam estabilidade ao longo do tempo (Dasgupta & Greenwald, 2001).

Conclusão

Desde a sua aparição há mais de uma década o TAI tem sido utilizado em mais de 500 publicações. Tal teve como efeito uma rápida promoção da aprendizagem e do aperfeiçoamento das suas características e limites.

Como em qualquer outro paradigma, há influências parasitas que interferem com a sua eficácia enquanto medida de associações. A influência mais notória reside na ordem de

categorização das tarefas (Smith & Nosek, 2010). Por exemplo, “Portugal” e “bom” partilham a tecla de resposta antes ou depois de “Estados Unidos” e “bom”. A primeira tarefa realizada interfere com a realização da segunda. Do mesmo modo, as pessoas que respondem em média mais rapidamente tendem a mostrar efeitos TAI mais pequenos do que as pessoas que respondem mais devagar. Certamente que no futuro a investigação continuará a aperfeiçoar as características metodológicas do TAI enquanto medida de associação.

Segundo Nosek et al. (2011), os primeiros quinze anos volvidos desde o apelo de Greenwald e Banaji (1995) para se usarem mais as medidas implícitas com o intuito de se avançar na teoria sobre o pensamento e o comportamento humano podem ser caracterizados com a “Era da Medida”, estando-se agora a passar para a “Era do Mecanismo”. No início desta nova era os investigadores defrontam-se com um certo número de questões, tais como: como se formam as cognições implícitas? Como mudam as cognições implícitas? Em que condições as cognições implícitas predizem o comportamento?

Este laboratório virtual coloca desafios de monta. Reveste-se de especial importância o desenvolvimento de procedimentos que otimizem as condições em que estes estudos são conduzidos através da Internet. Muito particularmente a sua contribuição para a Psicologia Intercultural (Neto, 2002; Nosek et al., 2009) constitui um desafio a seguir nos anos vindouros.

Referências

- Allport, G. W. (1958). *The nature of prejudice* (abridged). Garden City, NY: Doubleday.
- Arcuri, L., Castelli, L., Galdi, S., Zogmaister, C., & Amadori, A. (2008). Predicting the vote: Implicit attitudes as predictors of the future behavior of the decided and undecided voters. *Political Psychology, 29*, 369-387.
- Baron, A. S., & Banaji, M. R. (2004). The development of implicit attitudes: Evidence of race evaluations from ages 6, 10, and adulthood. Manuscript submitted for publication *Psychological Science, 17*, 53-58.
- Cunningham, W. A., Preacher, K. J., & Banaji, M. R. (2001). Implicit attitude measures: Consistency, stability, and convergent validity. *Psychological Science, 12*, 163-170.
- Dasgupta, N., & Greenwald, A. G. (2001). On the malleability of automatic attitudes: Combatting automatic prejudice with images of admired and disliked individuals. *Journal of Personality and Social Psychology, 85*, 800-814.
- de Jong, P. J., Pasman, W., Kindt, M., & van den Hout, M. A. (2001). A reaction time paradigm to assess (implicit) complaint-specific dysfunctional beliefs. *Behaviour Research & Therapy, 39*(1), 101-113.
- Dovidio, J. F. (2001). On the nature of contemporary prejudice: The third wave. *Journal of Social Issues, 57*(4), 829-849.
- Dovidio, J. F., & Fazio, R. H. (1992). New technologies for the direct and indirect assessment of attitudes. In J. Tanur (Ed.), *Questions about survey questions: Meaning, memory, attitudes, and social interaction* (pp. 204-237). New York: Russell Sage Foundation.
- Dunham, Y., Baron, A., & Banaji, M. R. (2006). From American city to Japanese city: A cross-cultural investigation of implicit race attitudes. *Child Development, 77*, 1268-1281.
- Fazio, R. H., Jackson, J. R., Dunton, B. C., & Williams, C. J. (1995). Variability in automatic activation as an unobtrusive measure of racial stereotypes: A bona fide pipeline? *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 1013-1027.
- Fazio, R., & Olson, M. (2003). Implicit measures in social cognition research: Their meaning and uses. *Annual Review of Psychology, 54*, 297-327.

- Greenwald, A. G. & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, 102, 4-27.
- Greenwald, A. G., & Nosek, B. A. (2001). Health of the Implicit Association Test at age 3. *Zeitschrift für Experimentelle Psychologie*, 48, 85-93.
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480.
- Greenwald, A. G., Nosek, B. A., & Banaji, M. R. (2003). Understanding and using the Implicit Association Test: I. An improved scoring algorithm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 197-216.
- Greenwald, A. G., Poehlman, T. A., Uhlmann, E., & Banaji, M. R. (2009). Understanding and using the Implicit Association Test: III. Meta-analysis of predictive validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 17-41.
- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, 102(1), 4-27.
- Hofman, W., Gawronski, B., Gschwendner, T., Le, H., & Schmitt, M. (2005). A meta-analysis on the correlation between the Implicit Association Test and explicit self-report measures. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1369-1385.
- Maison, D., Greenwald, A. G., & Bruin, R. (2001). The Implicit Association Test as a measure of implicit consumer attitudes. *Polish Psychological Bulletin*, 32(1), 61-69.
- McConnell, A. R., & Leibold, J. M. (2001). Relations among the Implicit Association Test, discriminatory behavior, and explicit measures of racial attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37, 435-442.
- Neto, F. (1998). A Portuguese short form of the Sex-Role Ideology Scale. *Psychological Reports*, 83, 1104-1106.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social*, Vol. I, Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (2004). Idadismo. In M. Lima, e M. Pereira (Orgs), *Estereótipos, preconceitos e discriminação*, pp. 279-300. Salvador: Editora UFBA.
- Neto, F. (2007). Atitudes em relação à diversidade cultural: implicações psicopedagógicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41, 5-22.
- Neto, F. (2009). Implicit and explicit attitudes among students. *Universitas Psychologica*, 3, 849-857.
- Neto, F., Sritam, N., Nosek, B., Greenwald, A., & Banaji, M. (2007). Explorar as atitudes e crenças implícitas: Lançamento de um site da internet em língua portuguesa. *Psicologia, Educação e Cultura*, 11, 165-173.
- Nock, M. K., & Banaji, M. R. (2007). Prediction of suicide ideation and attempts among adolescents using a brief performance-based test. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 75, 707-715.
- Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2005). Understanding and using the Implicit Association Test: II. Method variables and construct validity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 166-180.
- Nosek, B. A., Hawkins, C. B., & Frazier, R. S. (2011). Implicit social cognition: From measures to mechanisms. *Trends in Cognitive Sciences*, 15, 152-159.
- Nosek, B. A., Smyth, F. L., Hansen, J. J., Devos, T., Lindner, N. M., Ranganath, K. A., ... Banaji, M. R. (2007). Pervasiveness and correlates of implicit attitudes and stereotypes. *European Review of Social Psychology*, 18, 36-88.
- Nosek, B. A., Smyth, F. L., Sritam, N., Lindner, N. M., Devos, T., Ayala, A., ... Greenwald, A. G. (2009). National differences in gender-science stereotypes predict national sex differences in science and math achievement. *Proceeding of the National Academy of Sciences*, 106, 10593-10597.
- Nosek, B. A., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2007). The Implicit Association Test at age 7: A methodological and conceptual review. In J. A. Bargh (Ed.), *Automatic processes in social thinking and behaviour* (pp. 265-292). New York: Psychology Press.
- Oliveira, E., & Neto, F. (2007). Tolerância étnica na adolescência. *Psicologia, Educação e Cultura*, XI, 2, 307-328.
- Perkins, A., & Forehand, M. R. (2010). Implicit social cognition and indirect measures in consumer behavior. In B. Gawronski, e B. K. Payne (Eds.), *Handbook of implicit social cognition*, pp. 535-547. New York: Guilford.
- Richeson, J. A., Baird, A. A., Gordon, H. L., Heatherton, T. F., Wyland, C. L., Trwalter, S., & Shelton, J. N. (2003). An fMRI investigation of the impact of interracial contact on executive function. *Nature Neuroscience*, 6(12), 1323-1328.
- Smith, C. T., & Nosek, B. A. (2010). Implicit Association Test. In B. Weiner & W. E. Craighead (Eds.), *Corsin's Encyclopedia of Psychology*, 4 ed. (pp. 803-804). Wiley.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223, 96-102.
- Teachman, B. A., Gapinski, K. D., Brownell, K. D., Rawlins, M., & Jeyaram, S. (2003). Demonstrations of implicit anti-fat bias: The impact of providing causal information and evoking empathy. *Health Psychology*, 22(1), 68-78.
- Teachman, B. A., Gregg, A. P., & Woody, S. R. (2001). Implicit associations for fear-relevant stimuli among individuals with snake and spider fears. *Journal of Abnormal Psychology*, 110(2), 226-235.
- Ziegert, J. C., & Hanges, P. J. (2005). Employment and discrimination: The role of implicit attitudes, motivation, and a climate for racial bias. *Journal of Applied Psychology*, 90, 554-562.

The Paradigm of the Implicit Association Test

Abstract

Social scientists have invested a great deal of energy into developing techniques to evaluate group attitudes in order to circumvent problems resulting from limited introspective access, experimenter effects, and social desirability issues. Recently, social scientists have used diverse social cognition approaches to evaluate prejudice in order to reduce the problems connected with explicit measures of attitudes. Currently, among the available measures to approach implicit forms or unconscious thoughts and feelings is the Implicit Association Test (IAT): <https://implicit.harvard.edu/implicit/portugal/>. Generally, the experience of having answered an IAT leads to experience some difficult associations to control. This paper summarizes the principles in which the IAT is based, the objectives of this website and the contributions that this site can provide.

Keywords

Implicit attitudes, prejudice, Implicit Association Test.

Received: 26.05.2014

Revision received: 12.11.2014

Accepted: 30.03.2015